

OS PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM: A FILOSOFIA DA HISTÓRIA NA DIDÁTICA DA HISTÓRIA*

JÖRN RÜSEN**

Resumo: No campo da Didática da História apresentam-se três formas de a tematizar. A primeira relaciona-se com a filosofia material sustentada na ideia do desenvolvimento das formas de vida humana numa conexão interna dos acontecimentos do passado, expressa na unidade da experiência da mente humana. A segunda, sustentada na filosofia formal, compreende o pensamento histórico assente no processo mental da constituição de sentido por meio da narrativa. A terceira relaciona-se com a filosofia funcional e é estruturada na reconstrução do sentido histórico a partir da efetividade do passado em relação à orientação cultural do presente. Por fim, são discutidas as implicações dessas dimensões da Filosofia da História no processo de aprendizagem histórica referentes ao impacto da multiperspectividade na identidade histórica e intercultural dos estudantes, do significado da narrativa histórica e dos riscos do entrelaçamento entre a política, a estética e a religião e nas formas de representação histórica da rememoração cultural.

Palavras-chave: Didática da História; Filosofia da História; Aprendizagem histórica.

Abstract: In the field History didactics, three ways of presenting it are proposed. The first is related to material philosophy based on the idea of the development of human life forms in an internal connection of past events, expressed in the unity of the human mind experience. The second, based on formal philosophy, comprises historical thinking based on the mental process of constituting meaning through narrative. The third is related to functional philosophy and is structured in the reconstruction of historical sense from the effectiveness of the past in relation to the cultural orientation of the present. Finally, the implications of these dimensions of the philosophy of history in the process of historical learning are discussed regarding the impact of multiperspectivity on the students' historical and intercultural identity, the meaning of historical narrative and the risks of the intertwining between politics, aesthetics and religion and in the forms of historical representation of cultural remembrance.

Keywords: History Didactics; Philosophy of History; Historical learning.

1. A NECESSIDADE DE UMA TEORIA NA DIDÁTICA DA HISTÓRIA

A Didática da História¹ é uma disciplina académica cujo objeto central é a aprendizagem histórica. Como tal, existe uma especial necessidade de uma teoria relativamente a questões básicas da aprendizagem histórica, tais como as seguintes:

* Tradução de Marcelo Fronza. Revisão de tradução de Marília Gago.

** Universidade de Witten / Herdecke / Universidade de Bochum — Alemanha. Email: joern.ruesen@t-online.de

¹ O texto a seguir é apenas um esboço de uma argumentação. A sua intenção é divulgar o mais amplo campo de interação entre a Didática da História e a meta-história. Baseio-me numa versão alemã anterior. Foi publicada em: RÜSEN, 2016: 19-26. Agradeço a Waltraud Schreiber, a Maria Auxiliadora Schmidt e a Estevão Martins pelas suas permanentes insistências para que eu abordasse as temáticas da Didática da História enquanto assuntos da Teoria da História (e vice-versa). Sou grato a Inge Rösen pela sua leitura crítica e comentários a este texto.

- O que é a História? A História existe como algo real, um objeto da experiência, ou é somente uma construção? A História é a mesma no contexto de diversidade das culturas (tal como nas salas de aula contemporâneas)?
- Qual é o processo e o âmbito da aprendizagem histórica? Dar uma resposta a esta pergunta exige uma ideia clara em relação ao que é o pensamento histórico e qual é a sua lógica específica.
- Porque é que a História deveria estar presente no currículo, no processo de ensino e aprendizagem? Esta questão leva-nos à questão filosófica sobre assuntos como: a submissão ou a utilidade da História para a vida humana em geral.

Não haverá respostas convincentes a estas perguntas sem uma argumentação proveniente da Filosofia da História.

Não pode haver dúvida: a primeira questão tem um carácter filosófico. Isto também é verdadeiro para a segunda questão. A aprendizagem histórica não é um assunto específico da Filosofia da História, mas com a intenção de a organizar e a influenciar, devemos conhecer a peculiaridade do pensamento histórico. Já a questão sobre a sua relevância conduz ao cerne da cultura histórica, a qual lida com a utilidade geral da História.

Mas, a Filosofia da História sempre foi um tema da Didática da História². Isto é ainda mais evidente quando se colocam em dúvida as premissas do pensamento histórico, colocando-se a Didática da História e a prática do Ensino de História em dúvida. Novas questões relacionadas com o facto de a «História» realmente existir exigem a investigação filosófica. O construtivismo contemporâneo nega a possibilidade dessa investigação. Essa negação reforça a impressão de que a confiança no futuro é uma atitude tímida/ingénua (uma vez que uma fiável perspetiva futura da vida humana é sempre baseada numa referência empiricamente fundamentada do passado). Além disso, a tradição do pensamento histórico é desafiada por uma crescente divergência de formas de vida no seu contexto.

Novas perspetivas, que deem à História autoconfiança, são necessárias. Estas devem trazer consigo reflexões acerca dos princípios do pensamento histórico — isto é inevitável.

² KARLSSON, 2016: 101-126.

2. TRÊS DIMENSÕES DA FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Mas o que é, propriamente, a Filosofia da História³? Esta não se apresenta com uma formação clara, uma vez que é dividida em três manifestações que estão relacionadas entre si de forma controversa. Assim, manifestam-se de uma maneira:

- (a) material;
- (b) formal;
- (c) funcional de tematizar a História.

Todas essas três manifestações parecem excluírem-se umas às outras, de modo que todo o campo parece estar repleto de tensões, se não de contradições — não parece ser um ponto de partida muito agradável para a Didática da História e as suas questões fundamentais.

(a) A *filosofia material da História* é uma teoria de desenvolvimento abrangente acerca das formas de vida humana. Aborda a conexão interna dos eventos do passado, que aparecem enquanto uma unidade na esfera da experiência na mente humana. Exemplos podem ser encontrados na filosofia de Kant, Hegel, Marx, Benjamin, Jaspers ou na sociologia baseada nas teorias da evolução social e cultural⁴, ou numa forma menos teórica como as histórias universais⁵.

Esta unidade de eventos é, naturalmente, estruturada temporalmente. A sua direção temporal abre uma perspetiva futura através da inter-relação entre o passado e o presente. Esta diretividade implícita do futuro é raramente usada tanto nos estudos históricos — historiografia⁶ — quanto na Didática da História. Este limite em relação à temporalidade deve ser superado.

Outro problema é o da crescente necessidade de orientação intercultural. Os conceitos abrangentes e inclusivos do curso do tempo, na filosofia material da História, estão, frequentemente, interligados com os desenvolvimentos do Ocidente. Portanto, esses conceitos estão, atualmente, desacreditados por serem considerados como um instrumento ideológico para a supressão das tradições e das formas de vida ocidentais.

A instrução histórica na escola abrange um intervalo de tempo que vai da história arcaica até ao presente. Por isso, ela requer um «fio vermelho» de sentido/significado, que pode manter unido o mundo da História quando é ensinado ou é compreendido. O desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes pode servir como um «fio vermelho». Deve criar um espaço bem definido nos procedimentos mentais de compreensão do mundo.

³ ROHBECK, 2004; RÜSEN, 2014: 9-26; RÜSEN, 2015a: 106-113.

⁴ DUX, 2011; GIESEN, 1991; METZ, 2012.

⁵ CHRISTIAN, 2004.

⁶ HÖLSCHER, 1999, 2017; ROHBECK, 2013.

Tal ideia faz da História um campo próprio de experiência e de interpretação do passado. Sintetiza a multitude de acontecimentos numa coerente sequência de tempo.

À luz da teoria de aprendizagem, tal ideia do passado e da sua conexão com o presente e o futuro poderá oferecer um «mapa mental» extraordinariamente útil. Tal situação poderia trazer ordem à consciência histórica. Sem tal ordem, não pode ser conceptualizada uma teoria de aprendizagem nem esta poderá ser influenciada pelo ensino. E esta situação, de uma filosofia material da História, ainda não tem nem está estabelecida como mais um tema na Didática da História.

(b) A *filosofia formal da História* tematiza a maneira específica de pensar, em que o passado é abordado como História. Em seu início, no século XIX, foi desenvolvida epistemologicamente, por exemplo, por Dilthey ou por Rickert, que explicavam a especificidade lógica das Humanidades através da sua diferença para com as ciências naturais. Contemporaneamente, apresenta-se como a teoria da narrativa histórica⁷. Esta analisa o processo mental de fazer sentido pela narrativa. A compreensão dominante desse sentido enfatiza a sua qualidade construtiva. Este fazer sentido é atribuído ao passado e não pode ser adquirido por uma manipulação cognitiva dos seus vestígios. O passado em si não tem voz nessa representação histórica.

No entanto, nenhuma cultura humana existe, se não for criado o sentido da experiência de tempo. Portanto, a filosofia formal da História é baseada num fundamento antropológico. Atendendo a este fundamento, o seu alcance/âmbito pode abranger um horizonte intercultural. Mas uma teoria geral de formas narrativas para lidar com o passado, que divulgue a multiplicidade das suas realizações culturais e as ponha ao serviço de uma rede de tipos ideais, ainda é um trabalho em progresso. Adicionalmente, o papel dos elementos e dos fatores não-narrativos não está suficientemente investigado.

O problema mais importante da filosofia narrativista da História é a sua inabilidade em elucidar o carácter histórico específico de suas representações mais proeminentes. Aqui a sua delimitação na filosofia material da História revela uma consequência problemática: a partir do momento em que esta versão da reflexão sobre os princípios do pensamento histórico tem algo a dizer sobre o conteúdo da forma, constata-se que a forma em si não é suficiente para se materializar em termos de uma historicidade da vida humana.

(c) A *filosofia funcional da História* ainda não foi discutida no âmbito destes termos/princípios. Mas existe um campo de fenómenos e discursos académicos relacionados que podem ser caracterizados como um modo ou uma versão da Filosofia da História. Penso na efetividade do passado em relação à orientação cultural do presente e às discussões acerca da presença do passado. Não existe nenhuma orienta-

⁷ WHITE, 1973, 1987.

ção cultural que não tenha como referência o passado. O modo desta efetividade é a *memória*. Sob a forma da memória, o passado já está presente antes de ser abordado como História. É eficaz como uma fonte ou como um desafio de sentido/significado histórico. Assim, o discurso da memória pertence à Filosofia da História quando se refere aos seus fundamentos e princípios de sentido/significado. Não se fala de memória como História. Neste discurso, o passado não está distante do presente, antes é uma parte «viva» nas práticas de orientação cultural. Numa forma altamente elaborada, esse «viver o passado» é apresentado enquanto os «lugares de memória» (*lieux de mémoire*) de maneira que encontra uma recepção especial nas Humanidades⁸.

Mas, antes da existência desse discurso acerca da efetividade do passado no presente, este tema foi abordado de outra forma: por meio de uma teoria de *Bildung*. Aqui a formação de sentido/significado histórico desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento da subjetividade humana e do conceito de individualismo⁹.

Diga-se de passagem, e gostaria de frisar, que a divisão estrita das três dimensões da Filosofia da História pode ser superada se começarmos por responder à terceira questão. No vivenciar da memória, a forma e o conteúdo não estão divididos. Somente se o passado for pensado na sua distância em relação ao presente, a forma e o conteúdo podem ser divididos de modo que a sua diferença e a sua independência, filosóficas, podem ser vistas e usadas como um ponto de partida para uma análise filosófica. Só numa retrospeção reconstrutiva da unidade do seu presente é que podem ser sistematicamente intermediados.

É evidente a importância dessa terceira dimensão para a Didática da História. Esta leva-nos ao *insight* que a aprendizagem histórica é um elemento essencial de uma prática cultural, a qual é uma condição predefinida e uma determinação em todo o processo de ensino e aprendizagem. Define a utilidade do pensamento histórico e sua inerência à vida. Isso, por sua vez, exige e legitima a aprendizagem histórica enquanto uma atividade cultural organizada e oficialmente institucionalizada.

3. INSPIRAR A APRENDIZAGEM HISTÓRICA POR MEIO DA FILOSOFIA MATERIAL DA HISTÓRIA: A UNIDADE DA HISTÓRIA

Existe uma questão inevitável que a *filosofia material da História* coloca à Didática da História: que História deve ser aprendida e ensinada? Continua a ser a unidade da «História» — a totalidade temporal como era conceptualizada no início do pensamento histórico moderno na mudança dos séculos XVIII e XIX¹⁰? Os estudos históricos, enquanto disciplina acadêmica, têm pensado que a Didática da História

⁸ NORA, 1989: 7-24; ASSMANN, 1995: 125-133; ASSMANN, 1999, 2011.

⁹ STEENBLOCK, 1999.

¹⁰ KOSELLECK, 1985.

se refere a questões sobre o conteúdo e em que se apresenta a unidade de tempo apenas em fragmentos. No entanto, a maioria dos livros didáticos na escola são histórias universais, e a sua universalidade não é um assunto debatido/estabelecido pela disciplina acadêmica da História.

Deverá a ideia de uma unidade simples chamada «História» ser abandonada? Há um forte argumento a favor desta ideia: o alargamento à interculturalidade no âmbito ou na extensão do pensamento histórico. A divergência e a multiplicidade estão a tomar o lugar da coerência e da unidade.

O princípio da multiperspetividade, que domina a estruturação da aprendizagem histórica na Didática da História, parece ter aberto brechas na unidade da História. A unidade da História foi substituída por um pluralismo de histórias.

Esta parece ser uma resposta convincente para o desafio nos contextos multiculturais da aprendizagem histórica contemporânea¹¹. O que é que isto significa para a identidade histórica dos estudantes? Como um elemento da sua aprendizagem, esta será formada pelas ideias de diferença e de pluralidade. Mas, e o sentimento de unidade dos estudantes como membros de uma mesma sociedade onde se insere? A ideia de nação parece estar desacreditada, embora a maioria dos estados contemporâneos sejam Estados-nação. Ao menos, é necessária a mobilização de um novo conceito de organização social — que seja bem distante daquele caráter exclusivista e discriminatório que dominava no passado (ainda que persistam, pelo menos em algumas partes do mundo contemporâneo, conceitos similares que prevalecem).

Seja como for, em qualquer caso, os estudantes necessitam de uma ideia de História que os integre num sentimento de unidade pacífico baseado numa compreensão crítica do passado e numa promissora perspectiva de futuro. A divergência e a multiplicidade precisam de um princípio de ordenamento fundamentado no imperativo da aprendizagem histórica. Este princípio pode ser encontrado na forma de vida de uma sociedade civil moderna, com suas normas humanistas e seus pressupostos/princípios históricos. Para que este princípio seja plausível para todos os seus membros, terá de ser refletido e explicado por uma filosofia material da História.

O que pode sintetizar a diversidade cultural no espaço e no tempo para a unidade da História? A resposta da Filosofia da História a essa questão não é nova, pois já foi dada nos seus primórdios: a unidade da humanidade. Johann Gottfried Herder (1744-1803) apresentou um panorama filosoficamente estruturado da história universal, de uma maneira que pode ser avaliado porque está aberto a um paradigma renovável e refrescante¹².

¹¹ RÜSEN, 2011: 13-34; RÜSEN, 2015b: 19-42.

¹² HERDER, 2003, 2004; KREUTZER, 2015.

Hoje, tal Filosofia da História só pode ser aceite se cumprir duas condições:

- em primeiro lugar, deve estar fundada sobre os universais antropológicos enquanto condições necessárias para a possibilidade da História;
- em segundo lugar, deve-se desenvolver uma ideia de curso do tempo (*Zeitverlaufsvorstellung*) que, hermeneuticamente, potencia/catalisa (*empowerment*) a diversidade cultural e a engloba sob a forma de uma história universal. No âmbito de tal campo conceptual, o ponto de referência para a identidade surge na forma da humanidade, de se ser um ser humano. Este «ser-se um ser humano» está relacionado com a abrangência da experiência histórica (história universal) e à profundidade de seus elementos normativos (a dignidade dos seres humanos).

O que é que isto significa para o ensino da História? Significa tratar cada tema histórico singular de acordo com o seu contexto social e cultural atendendo aos princípios antropológicos universais.

Estes princípios universais são opostos aos princípios fundamentais da vida humana, que definem a dinâmica da cultura, especialmente com a sua temporalidade interna¹³. São exemplos disso o contraste entre interno e externo, acima e abaixo, jovem e velho, masculino e feminino na ordem social da vida, poder e impotência, amigo e inimigo, morrer e matar no interior da ordem política, e pobre e rico no contexto da economia, entre outros. Estes exemplos são apenas alguns dentro de uma grande quantidade de princípios universais.

A temporalidade da vida humana, que resulta desses contrastes, é especificamente histórica, e tem uma direção temporal válida interculturalmente. Relaciona o passado com o presente e a sua expectativa de futuro. Tais ideias de uma evolução de desenvolvimento estão relacionadas, geralmente, com secções longitudinais (*Längsschnitte*) no ensino de História. Estas revelam o espaço da experiência histórica e processam temas específicos do ensino compreensíveis numa conexão temporal.

Aqui podem surgir problemas durante a construção histórica de identidade. O contraste entre a multitude de identificações e a necessidade da coerência dentro delas pode ser mediado: o princípio fundamental da formação de identidade histórica surge como um fio vermelho enredado pela interpretação e compreensão histórica — e pela ideia do que significa ser-se um ser humano¹⁴.

¹³ KOSELLECK, 1987: 9-28; KOSELLECK, 2000: 97-118; RÜSEN, 2017: 82-83; RÜSEN, 2015c: 119-120.

¹⁴ RÜSEN, 2011, 2015b.

4. INSPIRAR A APRENDIZAGEM HISTÓRICA APLICANDO A FILOSOFIA FORMAL DA HISTÓRIA: AS FORMAS DO PENSAMENTO HISTÓRICO

A teoria da narrativa histórica levou a Didática da História até ao conceito de «competência narrativa», como o maior objetivo da aprendizagem histórica¹⁵. Aqui procuramos compreender as diferenças destas propostas e a sua compreensão concreta. Consequentemente, o processo de aprendizagem e de ensino é focalizado e pode ser analisado detalhadamente. Isso significa que, na prática de ensino, deve ser concretizada uma referência permanente às formas do pensamento histórico e os seus padrões de compreensão têm de ser desenvolvidos. As interpretações, que aparecem no processo de ensino, devem ser abordadas enquanto tal, e ser pensadas/refletidas na sua relação com as formas de pensamento que as dominam. Como é que compreendemos o que aconteceu no passado? Como pensamos sobre ele? Como podemos confirmar o que aprendemos, como podemos transmitir aos outros e torná-lo discutível?

As apresentações narrativas, como tal, devem tornar-se um assunto a debater com e entre os estudantes, de forma que os primeiros passos dessas apresentações sejam dados e refletidos. Os critérios decisivos de sentido/significado pela narrativa histórica devem ser abordados, pensados e ensaiados¹⁶. Se esta aprendizagem histórica ocorrer, para além de um conhecimento adquirido, ter-se-á desenvolvido a capacidade de pensar.

5. INSPIRAR A APRENDIZAGEM HISTÓRICA POR MEIO DA FILOSOFIA FUNCIONAL DA HISTÓRIA: A HISTÓRIA COMO UM PODER DA VIDA

A viragem didática da filosofia funcional da História focaliza as condições culturais e as circunstâncias da aprendizagem e do ensino histórico. Assim, o passado é efetivado quando é visto e aprendido como História que prevalece em toda a parte. A sua vitalidade manifesta-se de diferentes maneiras: em circunstâncias históricas que determinam a vida dos estudantes, nos poderosos preconceitos, nas imagens produzidas pelos meios de comunicação, etc.

Estas predefinições devem ser os pontos de partida da aprendizagem. A História, então, tornar-se-á reconhecida como um poder da rememoração cultural, bem como relacionada com a política, com a estética e com as formas de representação (nos meios de comunicação, nos museus e no quotidiano), com religião, e com a sua importância para a perspetiva de mundo e seus conceitos, além do seu perigo como

¹⁵ SCHREIBER *et al.*, 2006; BARRICELLI, 2011; SEIXAS, 2016: 83-100.

¹⁶ RÜSEN, 2008: 144-159.

ideologia — todas estas dimensões pertencem ao domínio da aprendizagem histórica. Este «poder» não deverá ser separado do estudo acerca dos temas do mundo humano, mas, se possível, mantê-los sempre em estreita ligação. No entanto, estes devem ser desenvolvidos de forma que o seu relacionamento interno e a sua dependência mútua tornem possível e realizável um «criticismo» objetivo.

6. PERSPECTIVAS

Ao relacionar a Filosofia da História com a aprendizagem histórica, as três formas de pensamento são capazes de estabelecer uma inter-relação argumentativa pragmática e coerente. A lógica desta argumentação ainda não está suficientemente decifrada. A sua análise reflexiva como parte essencial da Didática da História deve ser elucidada enquanto um elemento dos seus fundamentos teóricos. Tal situação reverter-se-ia de uma mais-valia enorme para a prática da aprendizagem e do ensino da História.

BIBLIOGRAFIA

- ASSMANN, Aleida (1999). *Erinnerungsräume. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. München: C. H. Beck.
- ASSMANN, Jan (1995). *Collective Memory and Cultural Identity*. «New German Critique». 65, 125-133.
- ASSMANN, Jan (2011). *Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination*. London: Cambridge University Press.
- BARNARD, Frederick M. (2003). *Herder on Nationality, Humanity, and History*. Montreal; Kingston: McGill-Queen's University Press.
- BARRICELLI, Michele (2011). *Schüler erzählen Geschichte. Narrative Kompetenz im Geschichtsunterricht*. 3. ed. Schwalbach: Wochenschau-Verlag.
- CHRISTIAN, David (2004). *Maps of Time. An Introduction to Big History*. Berkeley: University of California Press.
- DUX, Günter (2011). *Historico-genetic Theory of Culture. On the Processual Logic of Cultural Change*. Bielefeld: Transcript.
- GIESEN, Bernhard (1991). *Die Entdinglichung des Sozialen. Eine evolutionstheoretische Perspektive auf die Postmoderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- HERDER, Johann Gottfried (2004). *Another Philosophy of History and Selected Political Writings*. Indianapolis: Hackett.
- HÖLSCHER, Lucian (1999). *Die Entdeckung der Zukunft*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- HÖLSCHER, Lucian (2017). *Die Zukunft des 20. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main: Campus.
- KARLSSON, Klas-Göran (2016). *Making Sense of Lessons of the Past. Theoretical Perspectives on Historical Learning*. In THÜNEMANN, Holger et al., coord. *Begriffene Geschichte – Geschichte Begreifen*. Frankfurt am Main: Peter Lang, pp. 101-126.
- KOSELLECK, Reinhart (1985). *Futures past. On the semantics of historical time*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KOSELLECK, Reinhart (1987). *Historik und Hermeneutik*. In KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-Georg, coord. *Hermeneutik und Historik (Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Phil.-hist. Klasse, Jg. 1987, Bericht 1)*. Heidelberg: Winter, pp. 9-28.
- KOSELLECK, Reinhart (2000). *Zeitschichten. Studien zur Historik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

- KREUTZER, Leo (2015). *Dialektischer Humanismus. Herder und Goethe und die Kultur(en) der globalisierten Welt*. Hannover: Wehrhahn.
- METZ, Karl Heinz (2012). *Von der Erinnerung zur Erkenntnis. Eine neue Theorie der Geschichte*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- NORA, Pierre (1989). *Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire*. «Representations». 26, 7-24.
- ROHBECK, Johannes (2004). *Geschichtsphilosophie zur Einführung*. Hamburg: Junius.
- ROHBECK, Johannes (2013). *Zukunft der Geschichte. Geschichtsphilosophie und Zukunftsethik*. Berlin: Akademie Verlag. (Deutsche Zeitschrift für Philosophie; 31).
- RÜSEN, Ingetraud (2008). “Das Gute bleibt – wie schön!” *Historische Deutungsmuster im Anfangsunterricht*. In RÜSEN, Jörn, coord. *Historisches Lernen. Grundlagen und Paradigmen*. 2nd ed. Schwalbach: Wochenschau-Verlag, pp. 144-159.
- RÜSEN, Jörn (2011). *Forming Historical Consciousness — Towards a Humanistic History Didactics*. In NORDGREN, Kenneth; ELIASSON, Per; RÖNNQVIST, Carina, ed. *The Process of History Teaching. An international symposium held at Malmö University, Sweden, March 5th-7th 2009*. Karlstad: Karlstad University Press, pp. 13-34.
- RÜSEN, Jörn (2014). *Sinn und Widersinn der Geschichte — Einige Überlegungen zur Kontur der Geschichtsphilosophie*. In LANGTHALER, Rudolf; HOFER, Michael, coord. *Geschichtsphilosophie. Stellenwert und Aufgaben in der Gegenwart*. Wien: New Academic Press, pp. 9-26. (Wiener Jahrbuch für Philosophie; 46).
- RÜSEN, Jörn (2015a). *Future by History: Rethinking Philosophy of History*. «History and Theory». 54, 106-113.
- RÜSEN, Jörn (2015b). *Formando a consciência histórica — para uma didática humanista da História*. In RÜSEN, Jörn. *Humanismo e Didática da História*. Org. Maria Auxiliadora Schmidt et al. Curitiba: W. A. Editores, pp. 19-42.
- RÜSEN, Jörn (2015c). *Teoria da História: Uma Teoria da História como Ciência*. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR.
- RÜSEN, Jörn (2016). *Prinzipien lernen — Geschichtsphilosophie in der Geschichtsdidaktik*. In LEHMANN, Katja; WERNER, Michael; ZABOLD, Stefanie, coord. *Historisches Denken jetzt und in Zukunft. Wege zu einem theoretisch fundierten und evidenzbasierten Umgang mit Geschichte. Festschrift für Waltraud Schreiber zum 60. Geburtstag*. Berlin: Lit, pp. 19-26. (Geschichtsdidaktik in Vergangenheit und Gegenwart; 10).
- RÜSEN, Jörn (2017). *Evidence and Meaning. A Theory of Historical Studies*. New York; Oxford: Berghahn Books.
- SCHREIBER, Waltraud et al. (2006). *Historisches Denken. Ein Kompetenz-Strukturmodell*. Neuried: Ars Uma.
- SEIXAS, Peter (2016). *Narrative Interpretation in History (and Life)*. In THÜNEMANN, Holger et al., coord. *Begriffene Geschichte — Geschichte Begreifen*. Bern: Peter Lang, pp. 83-100.
- STEENBLOCK, Volker (1999). *Theorie der kulturellen Bildung. Zur Philosophie und Didaktik der Geisteswissenschaften*. München: Finck.
- WHITE, Hayden (1973). *Metahistory. The Historical Imagination in 19th-Century Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- WHITE, Hayden (1987). *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.